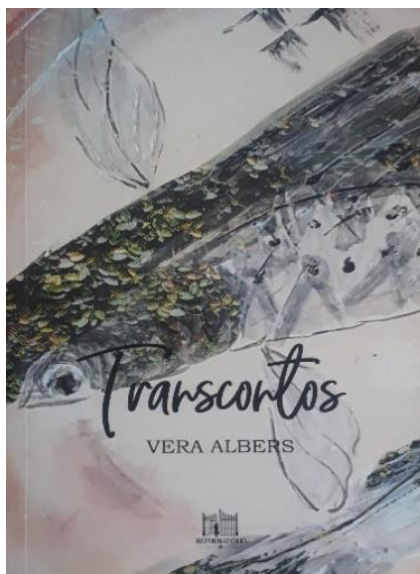


**ALBERS, Vera. *Transcontos*. São Paulo: Reformatório, 2021. 158 p.**



Fonte: Divulgação

Valteir Vaz<sup>1</sup>

A escritora Vera Albers, autora de *Deformações* (1980) e *Surtos urbanos* (1998), há tempos não nos brindava com um livro, embora seus contos e poemas nunca tenham deixado de figurar aqui e ali, publicados em jornais, revistas e blogs. Eis então *Transcontos*, que a editora Reformatório acaba de lançar, um conjunto de narrativas breves em tom confessional, permeados de lembranças, reminiscências e *insights* (talvez páginas seletas de um diário).

Em *Transcontos*, tudo é matéria de memória, e nos chega pela voz oblíqua e fragmentada de uma narradora, cujo nome nunca ficamos sabendo. Aos poucos o leitor vai reconhecendo algumas linhas de força do livro, como certas decepções, a felicidade sempre adiada, encontros malfadados, a sensação de culpa e um lascivo desejo sexual. Talvez uma frase nuclear do livro, à feição de um *primo motore*, fosse justamente esta

---

<sup>1</sup> Mestre e doutor em Literatura pela USP, professor de Literatura Brasileira e Teoria literária na Fundação Santo André e no Centro Paula Souza. E-mail: valvaz@usp.br.

metáfora da autora, que, entre tantas outras, melhor a traduz: “uma leve pátina entre o sonho e o devaneio.” (p. 19).

Trata-se de 69 narrativas (os títulos são breves, raramente contêm mais de uma palavra), que mesclam fatos cotidianos da vida da narradora com imagens intertextuais, num processo livre de condensação, para usarmos um termo freudiano que muito se ajusta à matéria ora apresentada. Nesse sentido, a narradora - quase sempre a mesma voz de mulher - vê-se livre para tudo cantar, sobretudo suas decepções (“Já não tenho o que cavar dentro de mim.” p. 95). Vera Albers recorre ao procedimento da condensação – típicos do sonho e do devaneio –, pois ele serve justamente para desprender a ponta da cadeia sintagmática, e com isso deixar passar pela boca da narradora um turbilhão de coisas, não necessariamente interligados entre si, mas reveladores do universo interior.

Alcançada essa liberdade, a autora não hesita em justapor numa mesma passagem, por exemplo, ecos shakespearianos com adversidades do dia a dia: “Autoridade, Shakespeare já dizia, ou se tem ou não se tem. Qual’ é, deixa a moça em paz, Jarbas, não vai ser ela quem vai decidir o que você é e o que não é.” (p. 107-108).

A sombra de Clarice Lispector também se faz perceber entre as reminiscências da narradora, como está, do conto “Grilo”, que recobra o episódio da barata em *A legião estrangeira*: “Gri... gri... não é que tenha aprendido a lição: comia-a, vomitei-a, escarrei-a, tornei a pô-la na boca e a degluti-la. Agora ela vive no meu lado, entre o baço e a vesícula, como biliar e sangue [...]” (p. 59-58). Ainda na esfera da intertextualidade, poderíamos elencar uma miríade de nomes, cifrados ou explícitos, dentre eles Dante, Tolstói, Freud, Marx, Melville, Bergman, Nietzsche para citarmos alguns.

A mão é hábil, tão logo deixa transparecer qualquer referência, apressa-se em turvá-la na trama miúda da vida cotidiana. O leitor tem sempre a impressão de estar diante de uma dança de véus, num bailado incessante que mais oculta do que mostra, talvez o título da coletânea se radique justamente aí, neste *en passant* de lampejos das lembranças da narradora. Não por acaso, uma imagem que perpassa as narrativas de *Transcontos* é a do peixe que – afora a excessiva carga intertextual que carrega – opera à feição de um fio que alinhava a todas as histórias. Já no primeiro conto, “Pedro Uciste”, nos deparamos com o sonoro: “No rio de pedra e peixe” (p. 11), cujo gesto fônico se projeta como um manto semântico sobre as narrativas, reverberando na mente do leitor. É a própria narradora quem, à primeira mão, revela: “(...) eu construí minha

vida sobre este rio...”. Em “Elegia final”, que encerra o livro, a imagem reaparece, agora em tom de fatalidade: “Sinto-me um pouco constrangida porque todos os banheiros estão cheios de peixe. Em cima da pia, transbordando, uma verdadeira hecatombe. Ou serei eu, que carrego peixes comigo? Por onde vou eu, vão os peixes.” (p. 158).

Por outro lado, há uma pulsão de vida que se encena constantemente, como uma coisa perdida (“o elo perdido” (p. 123); que, para sorte do leitor, mantém-se inapreensível até o final. A forma mais latente disso em *Transcontos* é, conforme se esboça em “Grilo”, um lascivo desejo sexual: “que tenho um grilo com o sexo, que se não tivesse tudo estaria resolvido de forma, para todos, tão satisfatória.” É essa fonte que parece emanar o desejo de contar, uma demanda que impacienta a narradora e a empurra para aventuras sexuais (há tantas no livro), quase todas malsucedidas.

Por mais grave que sejam determinadas imagens, o leitor encontrará no livro de Albers algum espaço para o humor, não a gargalhada, mas um riso tímido, de canto de boca, com o quem ri de si mesmo. Nesse sentido, são ilustrativas as passagens: “Que aconteceu com seu queixo? Afrouxou-se a mola da dentada? O tempo é fogo” (p. 135); “Cristo, até que século os genitais humanos serão a mola desta panaceia, tão igual em todas as raças” Paro aí. Se eu pensar no meu caso então, chego à conclusão que estou virando homem.” (p. 127).

Embora o tom confessional perpassa a maior parte das narrativas de *Transcontos*, o que fica de fato de sua leitura é uma impressão de que tudo o que ali está dito pela narradora opera à feição de uma máscara (alegoria) de uma outra coisa, algo nos diz que o verdadeiro objeto de sua demanda – a *res amissa*, conforme colocou o poeta Giorgio Caproni – está muito bem escondido em seu cerne interior, numa espécie de “*arrière-boutique*” que narradora soube conservar para si. Poderíamos arrematar com Montaigne que nos *Ensaio*s escreveu: “É preciso fazer como os animais, que apagam as pegadas à entrada de sua troca.”